

SUMÁRIO

<i>Agradecimentos</i>	13
<i>Prefácio</i>	17
1. Você é aquilo que ama	19
<i>Adorar é humano</i>	
2. Você pode não amar aquilo que acredita amar.....	49
<i>Aprendendo a ler as liturgias “seculares”</i>	
3. O espírito o encontra onde você estiver.....	87
<i>Adoração histórica para uma era pós-moderna</i>	
4. Em que história você está inserido?.....	117
<i>O arco narrativo da adoração cristã formadora</i>	
5. Guarde seu coração.....	151
<i>As liturgias do lar</i>	
6. Ensine bem seus filhos.....	183
<i>Aprendendo de cor</i>	
7. Você faz o que deseja	225
<i>Liturgias vocacionais</i>	
<i>Impetração de bênção</i>	247
<i>Para aprofundar a leitura</i>	249
<i>Índice remissivo</i>	253

AGRADECIMENTOS

Jamais teria imaginado que pudesse escrever um livro como este, mas meus amigos da Brazos e do Baker Publishing Group sim, e sou grato pelo convite e incentivo (e paciência!) deles. Agradeço especialmente ao meu editor, e acima de tudo amigo, Bob Hosack, que muito tempo atrás apostou em mim. Toda a equipe Brazos tem sido um apoio sem igual. É uma honra trabalhar com eles. Aguardo com expectativa nosso futuro juntos.

Este livro está bem distante dos calhamaços de meus primeiros livros sobre filosofia francesa. Cheguei aonde estou graças ao incentivo de dois teólogos especializados em liturgia que considero meus professores. A obra de Robert Webber teve grande impacto em uma fase crucial de minha vida e, em muitos aspectos, apenas escrevo no rastro de sua obra. Este pequeno livro é uma modesta canoa que flutua atrás do portentoso navio da coletânea “antiga-futura” [ancient-future] de Webber.¹ Se eu puder ajudar algumas pessoas a embarcar na nave-mãe, meu trabalho terá sido realizado.

¹*Ancient-future faith: rethinking evangelicalism for a postmodern world* (Grand Rapids: Baker, 1999); *Ancient-future evangelism: making your church a faith-forming community* (Grand Rapids: Baker, 2003); *Ancient-future time: forming spirituality through the Christian year* (Grand Rapids: Baker, 2004); *Ancient-future worship: proclaiming and enacting God's narrative* (Grand Rapids: Baker, 2008).

Num nível mais pessoal ainda, meu colega e amigo John Witvliet é alguém que se alegra em incentivar o trabalho de outras pessoas, atuando como catalisador para que elas concretizem algumas das seis milhões de ideias que John tem todos os dias antes do café da manhã (das quais apenas umas poucas são impossíveis). Meu raciocínio sobre essas questões foi iniciado por um misto de questionamentos e desafios lançados pelo John, que também me forneceu diversas respostas. Dedico este livro a essas duas pessoas numa pequena tentativa de quitar meu débito.

Ao longo dos últimos cinco anos, tenho desfrutado da hospitalidade de um grande número de escolas, faculdades, universidades, igrejas e outras organizações que têm me convidado para falar sobre esses temas. Este livro surgiu a partir dessas conversas. Sou grato pela oportunidade de pensar em voz alta com amigos e me lembro com saudade de inúmeros momentos. Sempre achei que livros reuniam leitores, mas jamais me dei conta de que também gerariam amizades.

Alguns desses amigos gentilmente concordaram em abrir um espaço nas agendas cheias para ler um esboço deste livro. Sou grato pela bondade e pela honestidade, pelo encorajamento e pela discordância. Meus agradecimentos a Matthew Beimers, Darryl De Boer, Mike Cosper e ao rev. Chris Schutte por acompanharem este projeto. Senti a presença de meus amigos durante as revisões finais.

Grande parte deste trabalho foi escrito e revisado na rua de minha casa, na padaria Wealthy Street Bakery. Agradeço a eles por me deixarem acampar em suas dependências por longas tardes, apenas pelo preço de um cappuccino (e, de vez em quando, um pãozinho recheado — mas não conte a Deanna). A trilha sonora do livro chegava aos meus ouvidos através de meus fones nessas tardes: uma mistura de *Southeastern*, de Jason Isbell; *The Avett Brothers*; *National*; e, nos estágios finais, a brilhante tristeza de *Carrie and Lowell*, de Sufjan Stevens.

Se este livro lhe der um vislumbre de minha vida, você verá que se trata de uma vida moldada indelevelmente por uma comunidade de amigos e familiares que me ensinaram a amar. Mark e Dawn Mulder têm sido uma presença constante em nossa vida há quinze anos, amigos que são mais como família. Também somos gratos por Gwen e Ryan Genzink, que têm caminhado conosco e partilham do nosso gosto por bons coquetéis.

Você verá algumas menções a nossos filhos nessas páginas, mas ainda não é o bastante para que compreenda o quanto eles têm me abençoado. Considero a mais absoluta graça eles me amarem apesar de minhas deficiências e falhas.

Acima de tudo, pairando acima de todos e de tudo isso está Deanna. Ela transformou nosso lar e nossa vida em uma incubadora de amor. Frequentemente sou lembrado de algo que percebi ao visitar o L'Abri, na Suíça. Embora eu tenha sido atraído até lá pela obra filosófica de Francis Schaeffer, qualquer pessoa que faça a peregrinação ao L'Abri percebe que o *éthos* de onde sua obra emergiu era nutrido por sua esposa, Edith. Ela, com seu dom de hospitalidade, não apenas deu “suporte” a Francis: ela tornou as realizações dele possíveis. Ela cultivou o espaço de imaginação que deu à luz suas visões e ideias (bem apreendidas na história do L'Abri escrita por Edith Schaeffer, mas também mencionada em *The hidden art of homemaking* [A arte escondida do cuidado do lar]).² Assim, este livro também surge de um lar que o tornou possível: as ideias cresceram no solo dos jardins de Deanna, foram alimentadas por sua incrível paixão por boa comida, passaram pela beleza que ela cultivou em nossa casa e floresceram graças a seu dom de hospitalidade (leia-se “vinho e queijo!”). A graça singular que tenho em minha vida é ser amado por ela.

²Edith Schaeffer, *The hidden art of homemaking* (Wheaton: Tyndale, 1971).

PREFÁCIO

Você chegou a um entendimento. Deus se tornou maior aos seus olhos. Você captou o sentido da abrangência e do alcance do evangelho: que o poder renovador de Cristo chega “até onde a maldição está”. Você compreendeu que Deus não se detém apenas no resgate de almas, ele está redimindo “*todas as coisas*” (Cl 1.20; grifo do autor).

A Bíblia ganhou nova vida para você de uma forma jamais experimentada. É como se você estivesse lendo Gênesis 1 e 2 pela primeira vez, compreendendo que fomos criados para ser realizadores designados a ser portadores da imagem de Deus ao assumir a tarefa que nos foi dada por ele de formar uma cultura. É como se alguém tivesse lhe dado um novo anel decodificador para a leitura dos profetas. Você não consegue entender como nunca se deu conta da preocupação apaixonada de Deus por justiça: seu chamado para que o povo de Deus cuidasse dos humilhados e defendesse os oprimidos. Agora, ao ler, é impossível deixar de notar a presença persistente da viúva, do órfão e do estrangeiro.

Agora a questão é: “Em que isso se relaciona com a igreja?”.

Este livro enuncia uma espiritualidade para formadores de cultura, demonstrando (assim espero) por que o discipulado deve ser centrado e alimentado por nossa imersão no corpo de Cristo. A adoração é a “estação da imaginação” que incuba

nossos amores e anseios, para que nossos empreendimentos culturais tenham Deus e seu reino como referencial. Se há em você paixão por buscar justiça, renovar a cultura e assumir sua vocação de fazer fluir todo o potencial da criação, você precisa investir na formação de sua imaginação. Precisa ser o curador de seu coração. Precisa adorar corretamente. Pois você é aquilo que ama.

E você adora aquilo que ama.

E pode ser que não ame o que pensa amar.

O que suscita uma questão importante. Ousemos propô-la.



VOCÊ É AQUILO QUE AMA

Adorar¹ é humano

“O que você *quer*?”

Essa é a questão. É a primeira, a última e a mais importante pergunta do discipulado cristão. No Evangelho de João, é a primeira pergunta que Jesus faz àqueles que viriam a segui-lo. Quando dois futuros discípulos, arrebatados pelo entusiasmo de João Batista, começam a segui-lo, Jesus se

¹Nesta obra, *worship* será traduzido por “adoração/adorar” ou “culto/cultuar”. O termo inglês é polissêmico e versátil: ora significa “adoração/adorar”, ora “culto/cultuar”, ora “parte do culto dedicada à música” etc. Em português, usamos termos diferentes para expressar esses diferentes sentidos do inglês. Dado o entrelaçamento tão estreito dessas diferentes acepções, deixamo-nos guiar por cada contexto imediato quanto à melhor tradução. Se o leitor pontualmente não se sentir seguro de nossa escolha, terá a garantia de saber que por trás de cada ocorrência de “adoração/adorar”, “culto/cultuar” e termos afins está a palavra inglesa *worship*, que pode ter o sentido mais amplo de *adoração*, o mais específico de *culto* ou então reunir em si os dois sentidos.

volta rapidamente e pergunta de forma incisiva: “... Que desejais?...” (Jo 1.38).

Essa é a questão implícita em quase todas as demais perguntas que Jesus faz a cada um de nós. “Você virá e me seguirá?” é outra versão de “Que desejais?”, assim como a pergunta fundamental que Jesus faz ao seu discípulo errante, Pedro: “... tu me amas?...” (Jo 21.16).

Jesus não se encontra com Mateus, com João, ou mesmo com você ou comigo e pergunta: “O que você sabe?”. Ele nem mesmo pergunta: “Em que você crê?”. Pergunta: “O que você quer?”. É a pergunta mais incisiva e penetrante que Jesus pode nos fazer, porque precisamente nós *somos* o que queremos. Nossas vontades, anseios e desejos estão no cerne de nossa identidade, a fonte de onde fluem nossas ações e comportamentos. Nosso querer reverbera o que há em nosso coração, o epicentro da pessoa humana. Por isso, as Escrituras aconselham: “Acima de tudo que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida” (Pv 4.23). Poderíamos dizer que o discipulado é uma forma de você exercer uma “curadoria”, exercer cuidados, estar atento quanto ao que ama e de ser intencional quanto a isso.

Assim, o discipulado diz mais respeito a desejar, ansiar do que a conhecer e crer. A ordem de Jesus para que o sigamos é um chamado a alinhar nossos amores e anseios aos dele — querer o que Deus quer, desejar o que Deus deseja, ansiar pelo que Deus anseia e almejar por um mundo onde ele é tudo em todas as coisas — uma visão que se resume na expressão “o reino de Deus”.

Jesus é um mestre que não apenas instrui nosso intelecto, ele forma nossos próprios amores. Ele não se contenta em apenas depositar novas ideias em nossa mente; ele busca nada menos que nossos desejos, amores e anseios. Seu “ensino” não toca apenas no espaço calmo, tranquilo e sereno da reflexão e da contemplação; ele é um mestre que invade as regiões mais aquecidas e apaixonadas do coração. Ele é a Palavra que

“penetra até o ponto de dividir alma e espírito”; *ele* “é capaz de perceber os pensamentos e intenções do coração” (Hb 4.12). Seguir a Jesus é tornar-se um aluno do Rabi que nos ensina a *amar*; ser um discípulo de Jesus é matricular-se na escola do amor. Jesus não é um catedrático. Sua escola do amor ou da caridade não é como um auditório onde passivamente tomamos notas, enquanto Jesus expõe fatos sobre si num discurso tedioso de PowerPoint, carregado de texto.

Ainda assim, frequentemente abordamos o discipulado como uma iniciativa principalmente didática; como se tornar um discípulo de Jesus fosse um projeto predominantemente intelectual, uma questão de conhecimentos a ser adquiridos. Por que isso ocorre?

Porque toda abordagem do discipulado e da formação cristã presume um modelo implícito daquilo que os seres humanos são. Apesar de essas pressuposições permanecerem geralmente inarticuladas, nós, contudo, trabalhamos com algumas suposições fundamentais (ainda que não manifestas) sobre o tipo de criatura que somos — e, portanto, sobre o tipo de aprendizes que somos. Se ser um discípulo é ser aluno e seguidor de Jesus, então muita coisa depende do que você entende por “aprender”. E aquilo que você entende por aprender depende do que você pensa que os seres humanos são. Em outras palavras, sua compreensão do discipulado refletirá um conjunto de suposições práticas sobre a própria natureza dos seres humanos, ainda que você jamais tenha feito tais perguntas a si mesmo.

Isso mexeu comigo de forma significativa, por muitos anos. Enquanto folheava a edição de uma conhecida revista cristã, fiquei impressionado com um anúncio colorido de um programa de memorização de versículos bíblicos. No centro do anúncio havia o rosto de um homem, com uma frase impressionante de uma ponta à outra de sua testa: “VOCÊ É AQUILO QUE PENSA”. Essa é uma forma bastante explícita de declarar o que muitos de nós presumimos implicitamente. De formas

mais “modernas” que bíblicas, fomos ensinados a acreditar que os seres humanos são fundamentalmente *coisas pensantes*. Embora talvez jamais tenhamos lido ou mesmo ouvido falar do filósofo francês do século 17 René Descartes, muitos de nós, inconscientemente, concordamos com sua definição da essência da pessoa humana como *res cogitans*: uma “coisa pensante”. Como Descartes, vemos nossos corpos como (na melhor das hipóteses!) veículos irrelevantes e temporários, que carregam por aí nossas almas ou “mentes”, que são o lugar onde a verdadeira ação acontece. Em outras palavras, imaginamos os seres humanos como aqueles bonecos cabeçudinhos, de cabeça gigante e corpo minúsculo e insignificante. Vemos a mente como o “controle da missão” da pessoa humana; nossos pensamentos definem quem somos. “Você é o que você pensa” é um lema que reduz os seres humanos a cérebros no palito. Ironicamente, essa coisificação do pensamento parte do princípio de que o “coração” da pessoa é a mente. “Penso, logo existo”, disse Descartes, e a maioria de nossas abordagens ao disciplinado acaba copiando essa ideia.

Um modelo assim tão intelectualista da pessoa humana, que nos reduz a um mero intelecto, considera que o aprendizado (e, portanto, o disciplinado) consiste principalmente em depositar ideias e crenças em repositórios mentais. A crítica e teórica da pedagogia bell hooks,² ecoando o pensamento de Paulo Freire, chama isso de um modelo “bancário” de educação: nós tratamos os aprendizes humanos como caixas para o depósito de conhecimento e ideias, meros receptáculos intelectuais de crenças. Dessa forma, concebemos a ação como um tipo de “saque” desse banco de conhecimentos, como se nossos atos e comportamentos fossem sempre o resultado de uma reflexão consciente, ponderada e racional que culminasse numa

²Pseudônimo escrito sempre com iniciais minúsculas de Gloria Jean Watkins, autora feminista e ativista social dos Estados Unidos. (N. do T.)